

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA.

N.º 18

FORTALEZA, 15 DE OUTUBRO DE 1887.

REDACÇÃO :

JOÃO LOPES, JOSÉ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

SUMMARIO

Expediente;
Sciencias naturaes. -- RODOLPHO THEOPHILO;
Luz e sombra.—FARIAS BRITO;
Minh'alma.—J. G. ;
Quinze dias.—J.L. ;
O urubú.—PAULINO NOGUEIRA ;
A engeitada.—F. CLOTILDE ;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

	CAPITAL
Trimestre.	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000
INTERIOR E PROVINCIAS	
Semestre.	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 36

Sciencias naturaes

AR E ATHMOSPHERA

O espaço estava coberto de nimbus pardos, peregrinos do inverno. Mudos os alizeos; os cumulus cor de cobre acastellavam-se na fimbria do horizonte.

Era o inverno que se aproximava e com elle a primavera que vestiria os campos. Nós o saudamos como o fertilizador da terra, o mensageiro de nossas alegrias, enquanto outros menos felizes esperam-no

desalentados porque elle traz consigo tristezas e pezares!

As nossas aves recebem-no cantando, cuidam dos ninhos, celebram suas nupcias e sempre festejando-o porque elle creará a larva, o verme com que alimentarão os filhos durante a primeira infancia.

Aqui a vida por toda parte, o vegetal e animal entoam juntos hymnos festivos. E lá que monotonia! a natureza por tocada de morte, as arvores despidas de folhas e nem mais uma andorinha, emigraram todas! E quem se atreverá a affrontar o gelo?! Os que, como as aves, não podem fugir, procuram um abrigo no seio da terra. Outros hibernam, e, mortos apparentemente, esperam pelo sol da nova estação. O homem, mesmo com os recursos de sua intelligencia partilha d'aquellas tristezas.

Temendo o frio, a nortada, passa mais tempo recolhido e é obrigado a alimentar uma fonte de calor em seus aposentos para conservar uma temperatura em que possa viver sem inconvenientes para a saude e até para a vida.

Observava o aspecto do céu da janelleta de meu gabinete e consultava o barometro quando entrou minha companheira

—Esperava te encontrar observando o barometro, pois sinto que a athmosphera esté muito pesada.

—Por achal-a leve é que o consulto.

—Então não sentes um ar abafado? Não vês o espaço como está coberto?

—O barometro desceu alguns graos em razão da athmosphera ter ficado mais leve.

—Não te comprehendo. Não sentes como está pesada? Os teus nervos não estão mal e tua respiração não está um pouco constrangida?

—Sinto tudo isso, mas não é que a athmosphera pese mais sobre nós; pelo contrario, é porque o seu peso, a sua pressão diminuiu.

—E a athmosphera não tem sempre o mesmo peso?

—Não, nem sempre a sua pressão é a mesma. A athmosphera é um involucro gazoso tendo a espessura de setenta kilometros, pouco mais ou menos, dentro do qual está o nosso globo. Ella é formada de uma mistura de oxigenio e azoto, dois

gazes. Esta mistura é o ar athmosphérico, cuja composição foi descoberta pelo sabio chimico francez Lavoisier, no seculo passado.

—E até aquella data o ar athmosphérico não era conhecido?

—Os antigos tinham-no por um corpo simples, um elemento dos quatro que admittiam; a chimica moderna provou que elle não era um corpo simples e nem uma combinação ou corpo composto. A analyse qualitativa demonstrou que o ar era uma mistura de oxigenio e azoto; a analyse quantitativa provou que em um volume de ar havia setenta e nove partes de azoto e vinte e uma de oxigenio. Estas experiencias devem-se a Lavoisier, o sabio que encerrado no laboratorio devotava-se todo ao progresso da sciencia.

—Recordo-me de ter lido que na athmosphera existe acido carbonico e vapor d'agua. E qual a fonte que produz estes gases?

—A respiração dos animaes, das plantas, as combustões fornecem acido carbonico; a evaporação das aguas, o vapor d'agua.

—Então a athmosphera deve conter-os em grande quantidade?

—A natureza é de uma harmonia perfeita. Para saberes porque a athmosphera não está saturada d'aquelles fluidos, basta te lembrar, que, se milhões de animaes e vegetaes incessantemente pela respiração trocam o oxigenio do ar pelo acido carbonico que expiram e misturam ao ambiente, se innumeradas combustões dão-se a superficie da terra a custa ainda do oxigenio do ar, o reino vegetal todo quando o sol desaparece e os animaes dormem, elle augmenta-lhes os elementos vitales, apodera-se do acido carbonico, que envenenaria-lhe a existencia, e troca-o por oxigenio, pelo gaz da vida. Os vapores que se elevam pela evaporação da superficie das aguas à athmosphera seriam sufficiente para satural-a d'agua, si não se condensassem e depois não se resolvessem em chuva. E' portanto muito pequena a quantidade d'aquelles gases misturada ao ar athmosphérico.

—E nos logares onde raramente chove e não ha vegetação é outra a composição do ar?

—Não, a natureza tudo preveniu. As correntes athmosphéricas são os

agentes encarregados de conservar as proporções dos corpos que formam o ar.

---E essas correntes movem-se impellidas por que força?

---Pelo calor. As correntes tem por causa as variações de temperatura e tanto é assim, que ora são brandas, suaves como as brisas, ora enforcadas, terríveis como os furacões. Quando a sua velocidade é regular longe do serem um elemento de destruição, são pelo contrario agentes mechanicos que prestam ao homem serviços relevantes. O pequeno lavrador serve-se do vento para mover os seus moinhos, tanger as suas machinas, do mesmo modo que os ricos industriaes servem-se do vapor d'agua. E ainda no seculo passado quando a força do vapor não tinha sido convertida em trabalho mecanico, quem levava os navios de um a outro continente eram as correntes aereas aproveitadas pelo homem por meio de obstaculos lançados em seu caminho, velas de diferentes tamanhos e formas. E um corpo sem côr, sem cheiro, sem sabor, tem em suas mãos o mundo organico, pois se elle desapparecesse da terra, poucos minutos nós teriamos de vida, e poucos dias os vegetaes que cobrem a superficie do globo.

---Dizes que o ar é sem côr e como eu vejo o céu, o espaço occupado por elle, colorido de um azul tão bello?

---Pela mesma razão que o mar é de uma côr verde-escura. Quem negará que agua é perfeitamente sem côr? Quem duvidará que o ar é incolor? Pois bem, vistos em grandes massas, tanto o ar como a agua, tem a côr que vês no espaço, no mar.

---E os seres vivos não poderiam viver em uma atmosphera de azoto, hydrogenio, acido carbonico ou de outro qualquer gaz que não seja o oxigenio?

---Não, o oxigenio é o gaz da vida e porisso chamado ar vital, ar do fogo. Sem elle a vida desapparece porque o sangue perde suas qualidades vivificadoras.

---E porque elle é tambem ar do fogo?

---Porque o fogo é delle que se alimenta. As combustões são feitas a custa do oxigenio do ar, como a hematose nos animaes, isso é, a troca de gazes nos órgãos respiratorios. Quando tiveres de entrar em um lugar suspeito de ar viciado ou impróprio à respiração, toma a precaução de levar uma vela acesa. Enquanto a chamma se conservar viva, nada receies, mas quando a luz começar a enfraquecer, a bruxolear, foge porque está eminente um grande perigo, a luz apagando-se si tivesses ficado seria asphyxiada.

---O peso da atmosphera tambem não asphyxia?

---A falta de peso, a diminuição de pressão, sim. Viste que a atmosphera é um involucro gazoso e que como todos os corpos tem uma propriedade---a do peso. Os antigos acreditavam que o ar não tinha peso e portanto a pressão atmosphérica não existia até serem conhecidas as experiencias do Galileu provando o peso do ar. Elle pesou um balão cuja capacidade era de um litro de ar, depois levou-o machina pneumatica, fez o vazio e pesando de novo o balão verificou haver no peso uma diminuição de 1,3. Aquella differença de uma pesada para outra era portanto o peso do litro de ar.

---E o que é a machina pneumatica?

---É um aparelho destinado a fazer por meio de bombas o vazio em espaços limitados. Conhecido o peso do ar calculou-se o da atmosphera, a superficie da terra e os physicos accordaram que cada centimetro quadrado supporta uma pressão equivalente ao peso de mil grammas.

---E como o nosso corpo cuja superficie tem muitos centimetros quadrados não é esmagado pela atmosphera?

---É porque não só a pressão atmosphérica obedecendo as leis da hydrostatica, se exerce em todos os sentidos e com igual intensidade, como tambem pelas reacções dos fluidos elasticos encerrados em nosso corpo. Um homem de estatura regular tem uma superficie de 15,500 centimetros quadrados, supporta portanto um peso de 15,500 kilogrammas. E no entanto este peso não o incommoda, nem sequer o sente.

---E como pode-se saber que a pressão atmosphérica se exerce em todos os sentidos?

---Por experiencias muito simples. Que ella se exerce de baixo para cima eu provo já. Temos este copo cheio d'agua, que cubro com um pedaço de papel, unido bem o papel aos bordos do copo vou viralo de hocca para baixo. Nem uma gota cahiu! A pressão atmosphérica exercida de baixo para cima impediu que o papel se afastasse do copo e que a agua se derramasse.

---Estou convencida. E a pressão de cima para baixo?

---Toma-se um tubo de vidro de grosso diametro terminado em uma extremidade por uma rosca metálica e fechada na outra por uma membrana animal, uma pelle de camurça bem destendida. Adapte-se o tubo à machina pneumatica e faz-se o vazio. A membrana começa por deprimir-se sob a influencia da pressão atmosphérica e acaba por se romper com forte detonação, em

consequencia da entrada subita do ar.

---E como provar que a pressão se exerce tambem dos lados?

---Ainda servindo-nos da machina pneumatica. Toma-se um vaso de metal semelhante a uma compoteira, cuja tampa se ajuste perfeitamente bem. Adapte-se a machina e faça-se o vazio. Enquanto elle não se completa ainda se consegue levantar com esforço a tampa, depois é impossivel separar uma peça da outra, visto a pressão atmosphérica se fazer em todos os sentidos.

---E pode-se medir a pressão atmosphérica?

---Podemos com os instrumentos chamados barometros. Temos alli um de syphão ou de Gay-Lussac.

---E ha diferentes especies de barometros?

---Nunca menos do cinco. Estes instrumentos são feitos de mercúrio a excepção do mostrador ou aneroides. O nosso é de syphão e é, como vês, um tubo de vidro curvo em ramos desiguales, o maior é fechado na extremidade e cheio quasi todo de mercúrio, o menor é aberto apenas por um orificio que põe o ar em comunicação com o metal. O tubo é preso a um plano de madeira no qual está escripta uma escala em millimetros.

---Qual a utilidade do barometro?

---É um instrumento importante de physica, indispensavel às observações meteorologicas e a medida das alturas. Elle nos avisa as tempestades como o bom tempo. Podemos com elle medir a altura de uma montanha.

---E como?

---A pressão atmosphérica a proporção que sobe-se diminue e o barometro accusa essa diminuição baixando um millimetro por cada 10,^m 464,^{mm} de ascensão. Se quizessemos medir a altura da serra da Aratanha, não tinhamos mais que observar o barometro à raiz da serra e no seu ponto culminante, depois multiplicar os millimetros que desceu a columna por 10,^m 464,^{mm}, e assim teriamos a altura da serra.

---E a pressão atmosphérica diminue tanto assim?

---A sua diminuição é progressiva. E que encommodos sentimos com a rarefação do ar! Imagina o mal que nos causa pelo que sentes agora apenas com uma pequena depressão da columna barometrica! Nas altas montanhas da terra, nas ascensões aerostaticas é que tem se observado as pululações que produz no organismo a rarefação do ar! A respiração torna-se impossivel, o sangue impellido pelo coração não encontrando nos capillares a resistencia precisa escapa-se atravez das mucosas e produz hemorrhagias abundantes. A vida está em perigo e se o imprudente continua a ascensão a morte por asphyxia é a

consequencia do sua loucura.

---E ja tem morrido alguem ?

---Infelizmente muitos e alguns pagaram com a vida a sua dedicaçao à sciencia. Fazem dez annos que tres sabios em Paris subiram em um aerostato a observar a atmosphera. A ascençao foi rapida e a 8,600 metros de altura, o barometro tinha desci to a 0 30, o cortejo de symptomas aterradores manifestava-se e dois d'olles succum-

hiam asphixiados ! O ultimo ja entre a vida e a morte por um esforço supremo fez descer o balão e chegou à terra enfermo trazendo os cadaveres de seus compacheiros.

---E se conseguissem transpor os limites da atmosphera ?

---A vida lá é impossivel. No vacuo, em plena escuridao, nos espacos interplanetarios, embora fosse possivel alimentar uma atmosphera artificial que garantisse a vida,

como conservar o calor em um meio cujo frio é tao intenso que gela o proprio alcool ? O espaco interplanetario, minha amiga, é apavorosa habitaçao das trevas e do frio.

Continuariamos a palestrar se não nos interrompesse a visita de uma familia de camponeses, que nos fazia a honra de sua apresentaçao.

Alto da Bonança, julho de 1887.

RONOLPHO THEOPHILO.

LUZ E SOMBRA

FRAGMENTO

Foi depois de uma noite escura e procellosa
Um vulto colossal de forma monstruosa
Mostrara-se ante mim e erguendo-se desforme
Fallara assim em voz atoadora e enorme:

«Eu sou o despotismo

Tenho dentro do peito a escuridao do abysmo
E tenho dentro d'alma um fogo abrasador.
Amo a noite sombria e as trevas pavorosas,
Amo o fumo voraz das guerras tumultuosas,
Amo a morte e o terror !

Treme, pois, de me ver, de ouvir a minha voz,
Treme ante o meu braço indomito feroz,
Treme espirito audaz que ousas affrontar-me.
Não ha nenhum poder que possa dominar-me,
Eu sou a noite escura, eu sou a força bruta
Com que a intelligencia inutilmente lucha.»

Calou-se ; mas tremeu o mundo e a natureza !
E eu reconhecendo a misera fraqueza
Do pobre ser humano, estremei de horror.
Não pude resistir ao peso do terror
E enquanto procurava embalde dominar
Meu corpo que tremia, a voz rouca do mar
Soltava para o espaco indomitos gemidos.
Cahi por terra então, perdi os meus sentidos.

Quando voltei a mim estava reclinado
Docemente, n'um chão de relvas tapetado
E flores perfumosas.
De luz se transformando em purpurinas rosas,
Vinha se levantando

O sol maravilhoso ; e a terra se embalando
Como que ao soprar da brisa harmoniosa,
Calma, silenciosa,
Cheia de viva luz, de novo renascia.
O céu era risonho, o mundo parecia
Um grande templo aberto e todo illuminado.
Por cima o vasto céu, o espaco illimitado ;
Por baixo um grande altar formado de montanhas.
E o mar a suspirar lamentaçoes tamanhas
Que dir-se-ia gemer a propria natureza.

E então eu proclamei : - «E' eterna essa grandeza,
E' grande este poder !... Na evoluçao dos mundos
Ha mysterios sem fim, eternos e profundos
Que a intelligencia vã não pode penetrar.
Ha uma luz no abysmo, ha uma voz no mar.
Quem sabe de onde vem, quem sabe a direcçao
Das cousas de seu corpo ? A marcha, a evoluçao
Da força universal, deslumbra o pensamento.
E' grande, é gigantesco o eterno movimento
Das forças naturaes no seio da immensidade.

Mas é fraca e mesquinha a triste humanidade
Entregue ao despotismo indomito da dor :
E no meio de uma noite immensa de terror,
Não pode o ser humano um instante repousar :
Tendo dentro de si a agitacão do mar
E' como pobre folha agreste, abandonada,
Pelos ventos crueis, miserima, arrastada
Atravez da poeira. Embalde se procura
Uma luz nessa noite immensamente escura.
O homem quer saber, revolve a profundeza
Dos mysterios da vida ; e a crua natureza
Só lhe sabe dizer : - Recua, desgraçado,
Não podes penetrar no fundo eminaranhado
Das essencias do mundo ! -
E logo um veo profundo

Envolve a natureza e envolve a humanidade.

Não desce então dos céos nenhuma claridade.
Comtudo, nessa noite immensa, indefinida ;
Nessa noite polar, por sobre a qual a vida
Ficacomo um batel em mar tempestuoso
Tristemente a mover-se, um ponto luminoso
Brilha comtudo : é a flor das almas innocentes.
Que derramam o bem, que espalham as sementes
Da virtude e do amor.

E essa pêquena luz se muda em esplendor.
Cresce, cresce, se espalha e faz-se sol fecundo
E eleva a natureza e regenera o mundo.

Ha muita analogia entre as paixões humanas
E as forças naturaes, immensas, soberanas.
O crime é a noite escura, as sombras da caverna
A virtude é uma flor, uma alvorada eterna
No céu do coração. A alma tem auroras,
Tem manhãs idéaes, manhãs consoladoras
E tem noites horriveis, noites de explosões.

Ha flores dentro d'alma e ha negros vulcões.

O mal é como um negro horrivel pesadello,
E' a noite do bem, a extincção do bello,
A morte da razão, o imperio do terror.
Quando surge medonho o vulto aterrorador
Do crimo, empallidece a mente horrorisada,
Fica a face do mundo inteiro transtornada,
Torna-se a vida um cahos. E enquanto a tyrannia

Proclama a soberania

Dos abutres crueis, dos despotas sem lei,
Repete o crime atroz : - «Eu sou do mundo o rei,
E a lei que rege o mundo é o grito do canhão.
Forte, debes seguir ! Fraco, não tens razão !
O direito é a força. E' um erro o sentimento
Da virtude e do amor. No eterno movimento
Da luta colossal dos seres sobre o seio
Do cosmos immortal,
A lei da vida inteira é - dominar o meio
E p'ra chegar aos fins é indifferente o mal.»

Invencivel terror espalha-se medonho
Por sobre a natureza e um pavoroso sonho

Torna-se a vida. E então em frente a immensidade
Exclama a consciencia: — é um verme a humanidade!
Repete o egoismo: — é um erro a compaixão.
E proclama a sciencia a morte da razão.

Mas depois do terror da noite procellosa
Vem a doce manhã risonha e luminosa.
Por sobre o negro mal, por sobre a noite escura
Da maldade e do vicio, esmagadora, impura,
Fulgura a flor do bem.
O espirito não cansa, e vai, não se detem
Por cima do universo em busca da verdade.
O genio da virtude exclama: — avante, avante!
Para longe a descrença! — E vòa deslumbrante
Atravez da miseria, e salva a humanidade. —

R. FARIAS BRITO.

MINH' ALMA

Foi sempre assim minh'alma! Larga o corpo
Muitas vezes no dia e toda a noite,
Qual vadio rapaz fugindo á escola,
Da féra sabbatina ao duro açoite.

Avesinha gentil, baixando á terra,
Se os rumores encontra da cidade,
Assusta-se e medrosa vòa á selva,
Verdura procurando e soledade.

N'essa hora meu corpo é casa érna,
Cujos donos passeiam não sei onde...
Venha embora a donzella mais formosa
Em procura de amor, ninguem responde!

Ou ninho abandonado nas escarpas,
Que voando o alcion devassa os mares...
Um casulo esquecido... a borbuleta
Entre as flores devaga... enfeita os ares.

E fugindo do corpo, a aventureira
Vai scisimando, meu Deus! Que desalento...
Qual virgem de cabello solto as auras,
Desatado vestido entregue ao vento.

Eil-a perto do mar, — resvala triste...
Sobre o dorso da onda após se deita...
Levanta-se depois sobre os abyssos,
Pulando os escarcós já se deleita.

E atravessa o espaço, e canta as lutas,
Então da victoria o hymno ardente;
Mas voltando ao vencido... se mergulha
Do gemido infeliz no som plangente.

Immerge-se depois na luz etherea,
Qual donosa menina na vertente...
Penteia o seu cabello e vai sentar-se
Sobre as nuvens de tarde no occidente.

Em noites de luar não pára em casa,
Passeia na campina suspirosa...
Ou desce no regato murmurando...
E' seu leve batel folha de rosa.

Sobe ao collo da bruma, e vai á serra;
Procura o precipicio, e se debruça,
Qual moça namorada na janella
P'ra ver o violão que já soluça.

E na matta se embrenha, a mais frondosa,
No cimo do rochedo escolhe flores...
E occulta pela nevoa enche os caminhos
Da serrana gentil de seus amores.

Abre as azas então á ventania,
A lanterna arrebata ao pyrilampo,
E c'roada com as algas do riacho,
Dos grandes alcantis contempla o campo.

Ora triste a chorar, ora sorrindo,
Pensativa uma vez, outra cantando,
Ardente de manhã, de tarde calma,
Mas de noite saudosa soluçando!

Foi sempre assim minh'alma! Agora dizem
Que perdeu-se... não sei onde... enamorada...
Ai, d'ella o que será?! Lindas morenas,
Acolhei-a no seio... a infortunada!...

J. G.

OS QUINZE DIAS

Os meus leitores não hão de querer, por esta vez, separar-se do adjectivo *benevolo* que os acompanha desde os tempos immemoriaes em que se perpetrou a primeira chronica, para exigir que se mude o titulo desta secção d' *A Quinzena*, só porque de 30 e não de 15 dias é o periodo a chronicar. Alteraria o expediente e obrigaria a grandes esforços de memoria, a que não me sinto disposto.

Fico, pois, dentro das duas ultimas semanas e espero em

Deus e nas respigações pelas folhas noticiosas achar com que macular toda a alvura das quatro tiras de almaço que estão aqui a convidar-me á confubalação com os que têm a louvavel e evangelica pachorra de ler-me.

Começo mencionando a eleição, recepção e reconhecimento de Joaquim Nabuco, sua estréa e triumphos no parlamento.

Esta revista aspira as honras de servir no futuro como documento bibliographico e historico, devendo, portanto, registrar com escrupulo os fa-

ctos capitais de sua epocha. E, pois, si ninguem contesta que seja facto capitalissimo a imposição feita pelo povo de Pernambuco ao parlamento nacional do ouvir a palavra e contar o voto do glorioso capitão das hostes libertadoras, é claro que deve entrar para os nossos registros com todas as devidas honras.

Eleito em competencia com o governo representado na respeitavel pessoa do ex-ministro do imperio, Joaquim Nabuco foi reconhecido e proclamado deputado, sem embargos de natureza alguma e a-

pennas transpoz o recinto que lhe fora até alli vedado pela espada do fogo do anjo do 3.º escrutinio, fez vibrar o som de clarim de sua palavra ardente e patriótica.

O povo que o applaudio nas praças do Recife, ao ser eleito, nas do Rio de Janeiro, ao penetrar triumphante na corte imperial, applaudiu-o mais, com toda a alma, ao escutar os hymnos de sua eloquencia, que como toques do avançar, percorre em ondas de electricismo psychico todos os pelotões do batalhão sagrado dos crentes que tem ainda abnegação bastante para pelejar a conquista do velocino da liberdade e da democracia.

E a distancia não amortecce o vigor e intensidade dessas vibrações vigorosissimas da palavra do grande orador. Aqui tambem, neste canto de que nem os governos querem ouvir fallar, sentimos tambem o nosso quinhão de enthusiasmo e batemos as nossas palmas como todo o paiz.

Bravo e para a frente!

Joaquim Nabuco avançou mais um grande passo, ascendendo na eminencia em que se collocou na questão do elemento servil.

Mais alto para os seus amigos, quasi ficou a perder de vista para os môchos que o injuriam e invejam, não poucos, porque o valente paladino tem inimigos rancorosos nas columnas de seus adversarios e nos pelotões dos proprios co-religionarios, onde ha tambem phariseus, muitos phariseus.

Lá onde se collocou o grande parlamentar e admiravel tribuno não hão de subir as pragas e apodos, mas, coando-se pelas camadas do azul, irão formar côro de applausos as expansões do patriotismo, as notas vermelhas da demo-

cracia; as vozes da gratidão dos negros parias que servem de pabulo ao nosso egoismo e á nossa crueldade.

Mais um hurrah! por Joaquim Nabuco.

Sua Magestade o Imperador continua a ser assumpto de chronicas, motivo de telegrammas, interessante caso pathologico, pretexto para discussões parlamentares e ponto de convergencia das mais sollicitas atenções e cuidados da maioria da nação que o ama e venera com todos os seus defeitos, porque, ao lado das maculas que possam estes abrir na sua grande individualidade, brilham intensamente raras e elevadas virtudes, que fazem-no um grande cidadão, ja que somos chegados a uma epocha em que não se pode mais ser grande monarcha.

Ha 8 mezes enfermou o Sr. D. Pedro II e ha 8 mezes que se passa no paiz uma curiosa scena de empurra. A nação debruça-se interessada e apprehensiva sobre o leito do monarcha e o seu governo, o governo da augusta filha de Sua Magestade, a desviar a nação, a cerrar as cortinas que cobrem o venerando enfermo!

O Sr. Barão de Cotegipe não quer que a nação veja o doente, contemple aquelle semblante outr'ora luminoso e calmo, hoje cavado e triste, agitado e decrepito.

Porque?

O divorcio dos governos do Brazil com o povo brasileiro é um facto sabido que já não é preciso demonstrar por escusado e sedição.

Alguns affectam homogeneidade ainda que ephemera; outros nem se dão a esse trabalho de *mise en scene* constitucional. O actual é destes.

D'ahi resulta que o unico elemento de força que o mantem nas culminancias da deminuição é a que lhe empresta o Imperador e por isso não convem que o monarcha passe de seu papel de director supremo das opiniões e das aspirações nacionaes para o de enfermo que se amelindra e precisa ser animado pelos cuidados delicadissimos, quasi infantis que um doente querido demanda de enfermeiro amigo; porque a nação, reivindicando sua soberania, substituir-se-ia ao rei doente e a bem da cura, havia de arredar o governo, como da camara onde periga uma vida cara arredam-se as crianças travessas e os hospedes importunos.

Dizemos a confiança do Imperador e não da coroa, porque este bom povo, por ora ao menos, não comprehende a existencia e estabilidade da unica coroa illuminada pelo sol da America, si não cingindo a fronte augusta do velho D. Pedro II.

O jogo de empurra de que fallavamos, acabou infelizmente. A curiosidade publica, si não está saciada, está satisfeita quanto é preciso para saber que acabou o governo do 2.º imperador.

E ingloriamente por desgraça. Abrindo caminho para a morte que se aproxima, a molestia soprou traiçoeiramente a luz d'aquelle grande cerebro e d'aqui a mezes ou dias o maior dos Braganças será representado apenas por alguns despojos mortuarios dentro das quatro taboas de esquife esguio, onde não haverá mais do que o cadaver de um demente!

—
Doe-me acabar assim tristemente estas linhas mal arrançadas que comecei molhando a penna na tinta rubra do

enthusiasmo patriótico; mas fecha-se-me o espirito.

Deixemol-o que se concentre e medite sobre a miséria das cousas terrenas e a miséria das cousas patrias.

J. L.

O URUBU' (*)

Pertence à familia dos abutres (Cathartes aura).

Nasce alvo e, à proporção que vaee crescendo, vai-se tornando preto.

Tem a cabeça e a fronte do pescoço pardas, azuladas, escuras tirando a negro, o corpo, as azas e a cauda negros, o bico trigueiro escuro, esbranquiçado na ponta.

Na maior parte das cidades da America meridional, diz Pedro Posser, adquiriu direitos de cidadão, e corre livre e tranquillamente pelas ruas, para assim dizer, como domestico, e sob a protecção da lei multiplica-se cada vez mais.

No Perú é certo que a lei prohibe mata-lo sob pena da multa de... 40\$000.

Na Jamaica existe igual prohibição.

No Pará paga tambem uma multa de 10\$ o quem mata um «fiscal», como elle lá é conhecido.

Estas immuniidades concedidas aos urubús comprehendem-se tão depressa se saiba que são os encarregados, nesses logares, de limpar as ruas de toda especie, que sob a acção da temperatura bastante elevada, infeccionaria o ar, e seria o germen de continuadas epidemias.

São, pois, essas aves de rapina, que geralmente se suppõem que nenhum p estimo tem, os zeladores da hygiene e da salubridade publicas, e sob este ponto de vista bastante uteis. Só no Ceará não tem prestimo algum!

Tambem é susceptivel de afeiçoar-se.

Conta Alcida d'Orbigny que um indigena creou um, que sempre o acompanhava. Aconteceu que o dono adocesse e guardasse o leito; a

(*) É palavra indigena, à que dão mais de uma significação. O Dr. Martins, no seu "Glossario", Pag. 185, a decompõe: *urú* ave, e *uu on vu* comer, ave voraz, comedora; no que está de accordo S. Anna Nery, "Le Pays des Amazones", pag. 68. Mas prefiro a etymologia de Baptista Catano, "Vocab.", pag. 558: *iribú*, de *y-re-bur*, ou *y né bur---* o que exala fetido. O urubú de facto exala máo cheiro.

ave entristeca o um dia, encontrando a porta do quarto aberta, penetra, vaa para junto do doente e manifesta-lhe pelas suas caricias a alegria do vel-o.

É curiosa a sua briga com o carcará por causa da carniça. Demos a palavra a Taunay para dizer em bom portuguez como isso so passa:

«É o carcará commensal do urubú. Como ello se a'ira, quando urgido pela fome, à rez morta e, intromettido como é, à custa de algumas bicadas do pouco amavel conviva, belisca do seu lado no imundo repostro.

«Si passa o carcará à vista do gavião, precipita-se este sobre elle com voo firme, dà-lhe com a ponta da aza, atordoa-o e atormenta-o, só pelo gosto de mostrar-lhe a superioridade. Nada com effeito o mette em brios. Pelo contrario, mal levon dous ou tres encontros do miúdo, mas audaz adversario, baixa prudente à terra e põe-se ali desageitadamente aos saltos, apresentando o adunco bico ao antagonista, que com a extremidade das azas levanta pó e cinza, tão depressa as arrasta ao chão. Afinal, de cansado, deixa o gavião o folguedo, segurando de um bote a serpezinha que em custoso rasto procurava algum buraco, onde fosse, mais a salvo, pensar as fundas queimaduras.

(«Céus e Terras do Brazil», pag. 15.)

Essa briga, Porto Alegre tambem celebrou no seu "Colombo", Tom. 2, Cant. 34, Pag. 389, nestes dous versos:

Equal carcará que o furto segue
Do urubú, e no ar disputa a preza.

No Amazonas o urubú é visto pelo indigena com certa abusão: diz José Verissimo que lá a espingarda que mata um fica inutilisada. "Scenas da Vida-Amazonica", pag. 62.

O urubú é uma ave feia, mas o urubutinga (urubú branco) é um dos mais bellos passaros das florestas do Brazil. Sua descripção, feita por Hercules Florence, é interessantissima:

«O urubutinga é dos passaros do Brazil o mais formoso em cores e plumagem; o aspecto, porem, e os habitos são de legitimo corvo.

É do tamanho de um ganso. Tem olhos grandes e redondos; íres de brilhante alvura; palpebras vermelhas, bico como o dos urubús: comprido, curvado e de um alaranjado vivo. Abaixo do bico expande-se uma caruncula carnosa, que cahe de um lado e de outro, de cor tambem alaranjada. Desde o olho até esta carnosidade, a pelle nua puxa paxa roxo.

Acima da cabeça ha uma parte completamente desnudada, rubra, com pennazinhas tão pequenas e se-

paradas que parecem pellos. Por baixo dos olhos e do pescoço sahem carunculas unidas e compridas, de um escuro claro e que, em forma de arco, vão ligar-se acima da nuca, unindo-se então n'um filete carnoso, que desce por traz do pescoço até a base do peito. É vermelho claro em cima, preto no meio e amarello em baixo. As cores da cabeça são realçadas por um fundo negro do ebano, que bem se póde chamar a moldura.

O pescoço é totalmente desnudado de pennugem. A pelle parece pelle de luvas: é amarello vivo na frente, cor que cambia insensivelmente para vermelho carregado. Esse pescoço é nú e tão bem colorido, sahe de um collar de pennas azinzentadas, que parecem vir das costas, e se reúnem no peito, a formarem novamente uma linda separação, que se estende pouco acima da barriga. O collar semelha um ornato de mulher.

O resto das pennas é branco, excepto nas extremidades das azas, que são pretas. Os pés são brancos.»

(«Esboço da Viagem do Consul Langsdorff no interior do Brazil, na Revista do Instituto Historico», Tom. 38, Pag. 376.)

É este o urubú-rei ou o rei dos abutres (rex vulturum), cujo qualificativo deve-o elle não somente à cores brilhantes de suas pennas, mas à uma particularidade, de que nos dá noticia circumstanciada o naturalista allemão Brehm:

«Centos de abutres, reunidos em volta de quaesquer substancias corruptas, retiram-se apenas divisam o urubú-rei. Empoleirados nas arvores visinhas, ou simplesmente pousados no solo á certa distancia, aguardam, e nisto os olhos brilham-lhe de cobica, que o seu tyramno se ache saciado e se retire. Finda que seja a refeição do urubú-rei, precipitam-se sobre os restos, e cada qual trata de obter a melhor parte.

«Fui muitas vezes testemunha deste facto, e posso affirmar que em frente de nenhuma outra ave as especies mais pequeninas dos abutres abandonam a preza, como o fazem em frente do urubú-rei. Tão depressa o enchergam por mais entretidos q' estejam, todos se retiram, e ao vel-o approximar-se como que o saudam levantando e abaixando alternadamente as azas e a cauda. Toma o urubú-rei o lugar que elles lhe cedem, e todos aguardam silenciosos que haja por bem retirar-se.»

(«Maravilhas da Creação», pag. 17.

Este facto é tambem referido por Alcides d'Orbigny e outros.

S. Anna Nery acrescenta:

«O urubútinga ou branco é considerado urubú-rei pelos indios, que dizem que os pretos não comem senão quando elle está saciado, que sôbe alem das nuvem, que a flexa ornada com as suas pennas não erra o

alvo, e a supplica escripta com ellas é ouvida. O branco é a bondade, o negro o mal.

("Le Pays des Amazones", Pag. 69.)

Barbosa Rodrigues, na "Revista Brazileira", Vol. 9, Pag. 40, Nota 1ª, confirma a crença indigena de que a flexa empennada com as suas pennas nunca erra o alvo.

Entretanto, entre nós, o povo tem o urubutinga por urubú preto e feio: chama urubútinga a pessoa bisonha!

O urubú-rei para elle é o camiranga, corrupção de acanga — cabeça e piranga vermelha; porque este urubú tem de facto uma carnosidade vermelha sobre a cabeça, muito saliente e visivel.

PAULINO NOGUEIRA.

A engeitada

A gentil creancinha viu a luz do dia em um estreita e humida mansarda. Filha do amor e do crime, nascia quasi ao desamparo, e apenas os beijos maternos festejavam-lhe a entrada no mundo.

A mãe sedusida por um homem sem coração necessitava incobrir a falta para continuar a viver entre a familia, e tinha de abandonal-a á caridade publica algumas horas depois de nascida.

Era tão fransina! Precisa-va tanto dos cuidados maternos; porem a sociedade severa e inexoravel previamente a condemnava á triste sorte de engeitada.

São assim as leis humanas!

A moça inexperiente e sem o escudo de uma boa e solida educação cahira aos amorosos assaltos do mancebo seductor, e tornára-se mãe. Era, portanto, indispensavel occultar o fructo de uma culpa que o mundo não perdôa, e entro o amor de mãe e o terror do anathema que lhe cairia na frente, a pobre moça hesitava.

Abandonar a filha, uma creaturinha fragil, flôr mal desabrochada que a primeira

caricia de vento pôde molestar, deixal-a á porta de algum rico compassivo, prival-a dos seus beijos, não vél-a talvez mais!

Trouxera-a novo mezes no seio, nutrindo-a com o seu sangue, com a sua propria vida.

A's occultas fisera um enxovalzinho para que o seu anjo tivesse uma camisinha de rendas e uma touca enfeitada, ouvira-lhe o primeiro vagido, beijara-a com toda effusão de seu amor, e ia separar-se della!

O seu coração de mãe revoltava-se.

Havia de conserval-a, embora a familia a repellisse.

Trabalharia para sustental-a, soffreria tudo contanto que a tivesse junto a si. Já lhe aqueria tanto!

Mas a vergonha e o opprobrio que a esperavam?

Travava-se'n'aquelle espirito abatido pela dôr physica uma lucta horrivel. Ficaria irremediavelmente perdida. A filha mais tarde convergonhar-sc-hia de sua origem e talvez a amaldiçoasse.

Apparecia-lhe o mundo com a sua moral severa a stigmatizal-a, a excluil-a do rol das mulheres honestas, a familia a expulsal-a.

Podia continuar a ser querida e respeitada. Ninguém descobriria sua falta, frequentaria a sociedade, seria bem recebida em toda parte, encontraria talvez um homem que a desposasse e havia de ser feliz. Mas para conseguir isso devia abandonar a filha aos cuidados estranhos, condemnal-a a implorar continuamente a caridade alheia. Era horroroso!..

Tinha-a junto do coração, molhava-lhe as facesinhas rosadas com lagrimas de ternura acariciava-lhe a loura

cabecinha, extasiava se deante dos seus olhos que se abriam indecisos como para fital-a e dizer-lhe: não me abandones.

O amor materno ia triumphar, mas ali estava alguém a reclamar-lhe a creança, a animal-a ao sacrificio expondo-lhe as consequencias de sua fraqueza, a dizer-lhe que se apressasse, que em casa poderiam desconfiar de sua demora.

Pobre mãe! O miseravel que murchou a corôa de tua virgindade não pensa decerto nas angustias porque estás passando.

Ri neste momento, quem sabe?

A sociedade não o ha de repellir, elle tem o direito de entrar com a fronte erguida nos salões, onde se ostenta a gente melhor e será recebido com attentões e obsequios.

Mas, tu, victima indefesa, serias arremessada ao charco onde se revolvem as creaturas sem pudôr.

Não te vendeste, o amor te perdeu, te entregaste generosamente e sem restricções ao homem que te fez pulsar o coração ainda virgem; porem o mundo não indaga dessas cousas. Ha de salpicar-te o rosto com a lama da degradação e marcar-te-ha a fronte com o sello da ignominia e da deshonra!

Nem mesmo a maternidade te dá o direito de esperar indulgencia. Rirão da tua dôr e zombarão de teus desvelos, e sobre tua filha recairá a tua infamia!

A jovem mãe sente a vertigem do desespero. Passa-lhe pelos olhos uma nuvem que a deslumbra.

Aperta mais a filhinha, cobre-a de beijos, agasalha-a cuidadosamente contra as in-

temperies do tempo e entrega-a emfim á pessoa que a espera.

Depois, como impellida por força sobre humana ergue-se do leito dos soffrimentos, deixa a mansarda humida e estreita e volta para a casa da familia.

Vae continuar a frequentar o mundo.

Ninguem lhe verá a pallidez das faces e as palpitações nervosas do coração.

Sua honra está salva, porque o mundo contenta-se com exterioridades.

E enquanto ella apparentemente é feliz, o cercam-na de homenagens e affeições, a filhinha aos cuidados de estranhos não passa de uma enfeitada !

F. CLOTILDE

ANNUNCIOS

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira n.º 54

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartei-ras. Recetas a qualquer hora. Preços modicos.

36--RUA DA BOA-VISTA--36
CEARA'

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos

Compram sempre ouro velho e moedas.

3--RU A DO MAJOR FACUNDO--73

LOTERIS CERENSES

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transferencia. Bilhetes á venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso cmere, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho. Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para

CAFE' JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

RUA FORMOZA N.º 17

SILVA CARNEIRO & C.

Importadores

CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa-72

CONFUCIO

Unico estabelecimento espcial em artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, mobílias etc. Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

Motta Vieira & C.^a

88--Major Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e exportadores.